



## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CIDADE DE CÁCERES-MT

Yara Fernanda de Oliveira Adami<sup>1</sup>

*Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT)*

### RESUMO

Neste trabalho propusemos analisar os usos sociolinguísticos de cinco professores de língua portuguesa, nascidos em Cáceres - Mato Grosso, atuantes em cinco instituições de ensino básico, contemplando as séries do ensino fundamental II. A análise do estudo foi amparado pela teoria Variacionista de caráter qualitativo-quantitativo, postulados discutidos por William Labov (1969, 1972) a partir da década de 1960. Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se também em José Lemos Monteiro (2000); Ana Maria Zilles e Carlos Alberto Faraco (2017). Tais autores discutem normas abordando os acontecimentos variáveis de forma pedagógica a pesquisa em campo, a fim de entendermos qual diferencial faz o extralinguístico exercer um papel autônomo na fala do docente de língua portuguesa nascido em Cáceres, considerando a busca das variáveis decorrentes na sala de aula, no caso, o vernáculo do professor em contrapartida a gramática normativa. A diversidade está presente quando pensamos na linguagem de um falante (no caso a pessoa nascida em Cáceres), e da sua profissão (o professor de língua portuguesa). Postos em análise direta, percebemos que os docentes colaboradores da pesquisa utilizam o falar cacerense em sala de aula, nos levando ao entendimento da recorrência das variações fonéticas e fonológicas encontradas nas transcrições das gravações.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Língua portuguesa. Gramática normativa. Falar Cacerense.

### ABSTRACT

In this work we propose to analyze the sociolinguistic uses of five Portuguese language teachers, born in Cáceres - Mato Grosso, working in five basic education institutions, contemplating the grades of elementary school II. The analysis of the study was supported by the Variationist theory of qualitative-quantitative character, postulated by William Labov (1969, 1972) in the 1960s. In this sense, the research is also based on José Lemos Monteiro (2000); Ana Maria Zilles, and Carlos Alberto Faraco (2017). These authors discuss norms by approaching the variable events in a pedagogical way to the field research, to understand which differential makes the extralinguistic play an autonomous role in the speech of the Portuguese language teacher born in Cáceres, considering the search for the variables arising in the classroom, in this case, the vernacular of the teacher in contrast to normative grammar. Diversity is present when we think of the language of a speaker (in this case the person born in Cáceres), and of his profession (the Portuguese language teacher). In direct analysis, we noticed that the teachers who collaborated in this research use the Cacerense language in the classroom, leading us to understand the recurrence of phonetic and phonological variations found in the transcriptions of the recordings.

---

<sup>1</sup>É mestre pela UNEMAT. E-mail: yaraoliveira93@gmail.com



**Keywords:** Sociolinguistics. Portuguese Language. Normative Grammar. Cacerense Speaking.

## INTRODUÇÃO

No estado do Mato Grosso, espaço no qual situamos nosso estudo, podemos afirmar que os estudos que relacionam a linguagem com a sociedade são amplos e diversos. Especialmente na cidade de Cáceres-MT, há uma grande variedade de idiomas devido à presença de grupos de diversas partes do país e a proximidade com a fronteira com a Bolívia.

A cidade de Cáceres ficou isolada do mundo de 1778 a 1938 por somente ser acessível por água, o que a tornava cara e demandava muito tempo de viagem. Podemos supor que esta seja uma das razões pelas quais os costumes e tradições das comunidades são preservadas, conservando sua própria forma de falar, embora não imune às mudanças trazidas pela dinâmica inerente a cada língua (DA SILVA et al., 2021).

A partir de 1940, Cáceres tornou-se um importante centro político e econômico da região sudeste de Mato Grosso, atraindo imigrantes de todo o país. A cidade sofreu um enorme impacto imigrante devido a uma campanha massiva de empresas coloniais no sul e sudeste do país. Essa migração trouxe a diversidade cultural e linguística de outros grupos, mesclada com a diversidade linguística dos Cáceres da época (MENDES; MACEDO-KARIM, 2015).

Assim, podemos dizer que mudanças consistentes nos números nominais do português brasileiro são implementadas no sistema linguístico, desde variantes populares até variantes padrão. Nas variedades populares, muitas vezes predomina a indicação do plural apenas no determinante à esquerda do nome, principalmente no primeiro elemento. Portanto, a concordância nominal de números em sintagmas nominais na verdade não é usada na variante da língua brasileira. Como veremos na próxima seção, descobriremos que a congruência nominal de gênero (o assunto deste estudo) é bem diferente.

Vários autores trabalham sobre o falar justamente pelo enriquecimento cultural que isso ocasiona em uma comunidade. Um exemplo disso é o autor Marcos Bagno, no livro *Português Brasileiro? Um convite à pesquisa* (2001), no qual expõe a seguinte ideia “A principal característica das línguas humanas é sua heterogeneidade” (BAGNO, 2001, p. 41), sendo a heterogeneidade um fator singular pertencente a cada falante. A essa singularidade se refere Mollica (2003), defendendo que cada espaço de convívio humano, predispõe a uma característica única de fala.

Não é preciso andar muitos quilômetros para podermos perceber que a variação linguística nos rodeia. Corremos o risco inclusive, de sermos propagadores de uma variação. Bagno nos aponta um novo meio de se pensar a variação, com o nome de *variedade*, em que lemos que:

Se você, em vez de sair viajando pelo país, decidir estudar os modos de falar das pessoas de um mesmo lugar – uma grande cidade, por exemplo -, vai notar que a variedade falada nesse lugar apresenta diferenças correspondentes às diferenças que existem entre as pessoas: grau de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, origem geográfica, etnia, sexo, etc. (BAGNO, 2001, p. 42).

A variação linguística não ocorre somente de um estado pelo outro, mas de uma forma geral, tudo significa. Inclusive, a norma padrão de um falante que faz uso da norma culta, nascido e criado



em Pernambuco, difere da norma padrão, de um outro falante nascido e criado no estado de Minas Gerais.

A grande questão é que a língua vive em mutação. A sociolinguística veio mostrar que toda língua muda e varia, isto é, muda com o tempo e varia o espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante (BAGNO, 2001, p. 43).

A Sociolinguística visa explicar como as variações linguísticas acontecem, decorre do interesse dos cientistas da linguagem em explicar, esmiuçadamente o básico de que ‘não existe o falar errado’, já que a língua é considerada pelos Estudos Sociolinguísticos como heterogênea, nela ocorre a incorporação de várias interferências que resultam na diversidade linguística.

Essa é uma das premissas da Sociolinguística de que a língua é de natureza constitutiva heterogênea e mutável. Vemos em Mollica (2003), algumas considerações plausíveis a respeito da Teoria da Mudança Linguística: Sobre a heterogeneidade, no caso que a língua é dotada de heterogeneidade sistemática. “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (MOLLICA, 2003, p. 9).

O senso comum espera de grandes profissões - aqui, apontadas por maior índice de concorrência nas vagas: medicina, direito, engenharia -, que o falar seja culto com um vocabulário formal, intelectual e amplo. Infelizmente, a sociedade – não como um todo, acaba por desvalorizar quem fala diferente do ‘intelectualmente esperado’, por exemplo, um juiz de direito, fora de seu local de trabalho, ao utilizar gírias, gera um desconforto em quem espera que pela profissão, esse profissional não possui liberdade de fala.

No livro *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino* (2015), Faraco e Zilles, descrevem:

O **senso comum** tem escassa percepção da língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em contínua mudança. Por isso, costuma folclorizar a variação regional; **demoniza a variação social** e tende a interpretar as mudanças como sinais de deteriorização da língua. O **senso comum** não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosão de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança (FARACO; ZILLES, 2015, p. 07 – grifos nossos).

Percebemos que é nesse momento que a tentativa de inferiorizar tal profissional, nesse caso em específico, o juiz, ocorre. Evidentemente que esse exemplo foi explanado de forma fictícia, a fim de situar o leitor a imaginar suposta ação. Apesar do preconceito linguístico não ser fictício, não é difícil ver casos como esse na internet ou outros meios tecnológicos de comunicação.

Ocorre que casos como esse quando chegam no campo do preconceito linguístico, fazem com que a sociedade discrimine o profissional que possui variação linguística em sua fala. Depreendemos que o ser humano não se distancia da sua área de trabalho por falar com variedades linguísticas.

Lidar com o senso comum não é tão fácil como pensamos. Explicar para a sociedade que um profissional não deixa de ser profissional, somente por assumir a sua identidade linguística. Dessa forma, os estudos linguísticos não medem esforços para quebrar estas rupturas, visando sempre buscar um caminho teórico que possa explicar como acontecem essas diversidades linguísticas.



A nossa inquietação permeia sobre o fato sobre quem se preocupa com o professor? Como o falante que está em sala de aula pode agir diante da sua própria variação linguística? De uns tempos para cá, com a inserção de grandes teóricos discutindo sobre a variação e diversidade em sala de aula.

Buscaremos identificar o lugar do professor de língua portuguesa natural da cidade de Cáceres, diante dos impasses provocados pela gramática normativa, que detém do politicamente correto. Ignorando o fato de que a variação linguística não distingue o certo e o errado, pois a identidade cultural desse profissional de letras o permite a ser livre no seu jeito de falar.

Nesse sentido, entendemos que o nosso estudo procurou avançar, ao reiterar que não existe o 'certo' ou o 'errado', conforme os pressupostos teóricos dos Estudos Sociolinguísticos.

Para tanto, a as questões centrais que norteiam esta pesquisa são as seguintes:

- (i) O professor de língua portuguesa cacerense é obrigado a falar como prescreve a gramática normativa?
- (ii) O professor de língua portuguesa cacerense é forçado a ocultar sua identidade linguística para ensinar o português padrão em sala de aula?
- (iii) Como se dá essa situação entre a variação linguística e norma culta?

Buscaremos discorrer acerca dessas questões, procurando, de certa forma, sanar essas dúvidas que permeiam uma gama da sociedade. Ao mesmo tempo, buscaremos não somente explicações teóricas, mas também, como este estudo poderá ajudar pessoas que sofrem com esse tipo de preconceito, em seu âmbito profissional, diretamente, se tratando do professor de língua portuguesa cacerense.

Finalmente, este estudo foca no fenômeno linguístico ocasionado entre o professor de língua portuguesa para com o aluno, pelo viés da teoria da Sociolinguística Variacionista, considerado que o falar nativo cacerense é marcado pelo contato linguístico.

## 1 METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou a abordagem quantitativa e qualitativa sendo a coleta e análise de dados desenvolvida conforme a Teoria Variacionista, de William Labov, estando, portanto, fundamentada na área da Sociolinguística.

Para Teixeira (2005), a pesquisa quantitativa advém de uma linguagem matemática que trata sobre o objeto estudado. Essa abordagem procura descrever as causas de um fenômeno como também a relação entre o modelo teórico proposto e os dados observados no mundo real.

Enquanto na pesquisa qualitativa, segundo Teixeira “o pesquisador procurará reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica” (TEIXEIRA, 2005, p. 137). Ou seja, uma complementa a outra, assim como ambas também podem ser trabalhadas separadamente.

Para a realização do estudo, dividimos o trabalho em distintas etapas e procedimentos metodológicos, seguindo a proposta de três fases que Marconi e Lakatos (1999) sugerem.



### PRIMEIRA ETAPA– LEVANTAMENTO DO LOCUS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, selecionamos cinco escolas dentro do perímetro urbano da cidade de Cáceres-MT, distribuídas em bairros diferentes. Logo após a seleção, todas as cinco escolas foram visitadas para que a apresentação da pesquisadora pudesse ser realizada e a pesquisa pudesse ser aceita pelo corpo pedagógico-diretivo de cada escola.

Por meio do Termo de Consentimento (ver Apêndice)<sup>2</sup>, todas as escolas e informantes se solidarizaram em contribuir para a realização desta pesquisa. As escolas participantes da pesquisa foram nomeadas por códigos e não seguem a ordem da visita da pesquisadora.

As informações relevantes a respeito do ano de fundação, quantidade de alunos e docentes, encontram-se no quadro abaixo (Quadro 1):

Quadro 1: Escolas participantes da pesquisa

Código da escola	Cidade	Ano de fundação	Quantidade de alunos	Quantidade de professores	Turmas ofertadas
EA1	Cáceres	1987	402	14	2º ao 9º ano EF <sup>3</sup>
EA2	Cáceres	1959	865	45	2º ao 9º ano EF
EA3	Cáceres	1985	730	54	1º ao 9º ano EF
EA4	Cáceres	1980	650	40	2º ano EF ao 3º ano EM <sup>4</sup>
EA5	Cáceres	1979	456	29	2º ao 9º ano EF

Fonte: (Autoria própria, 2022)

Entre algumas informações do Quadro 1, está o fato de que a escola mais antiga da pesquisa possui 63 anos de existência (EA2), enquanto a mais nova possui 35 anos (EA1). O quadro acima é separado por ano de fundação das escolas colaboradoras, séries oferecidas, quantidades de docentes e alunos.

Ao todo notamos que a quantidade de alunos em média ultrapassa a faixa de 400. Um número alto a se pensar diante da localização geográfica de cada escola, significando que a cidade corresponde a um grande número de alunos no contexto pedagógico escolar.

Outro aspecto que se verifica no quadro acima é o fato de que apenas uma escola oferece o nível do ensino médio (EA4), o que pode justificar a localização do bairro em questão que se distancia do centro da cidade, ficando próximo da área rural do município.

Além disso, verificamos no quadro que a escola (EA2) mais antiga de Cáceres se localiza, justamente no bairro perto ao Rio Paraguai, em concordância com o avanço da colonização do perímetro urbano.

<sup>2</sup> Vale ressaltar que o presente estudo tramitou pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade sob o número do parecer: 5.472.373 (ver Anexo I) que foi **aprovado** no dia 15 de junho de 2022.

<sup>3</sup> EF: Ensino fundamental;

<sup>4</sup> EM: Ensino médio.



A historicidade de cada professora-colaboradora representa o compasse da cultura pedagógica inserida na sociedade. Além disso, todas as docentes participantes da pesquisa estudaram em escolas de ensino básico da cidade, e atualmente trocaram o seu lugar de fala, foram das que aprenderam para as que ensinam.

### SEGUNDA ETAPA – CONTATO COM O LOCUS DA PESQUISA

Com o levantamento da quantidade de docentes de língua portuguesa em cada escola, aplicamos um breve questionário de dez perguntas para todos os educadores.

Dessa forma, as perguntas que constaram em nosso questionário e que visam compor o perfil dos colaboradores do estudo foram as seguintes:

- 
1. Qual o seu nome e a sua idade?
  2. Qual a sua profissão?
  3. Qual o ano de conclusão da sua graduação?
  4. Qual a sua titulação?
  5. Há quanto tempo você atua na área de ensino e nessa escola?
  6. Onde você nasceu?
  7. Há quanto tempo reside em Cáceres?
  8. Em algum momento de sua vida, você residiu em outro município que não seja Cáceres?
  9. Onde os seus pais e/ou responsáveis por você nasceram?
  10. O que você acha do falar cacerense?
- 

Com os informantes já selecionados e aptos para participarem da pesquisa, as gravações foram realizadas em cinco turmas do ensino fundamental II, de acordo com o quadro abaixo (Quadro 2):

**Quadro 2:** Turmas participantes da pesquisa

Ano/Turma	Quantidade de turmas
6º Ano	1
7º Ano	1
8º Ano	1
9º Ano	2

Fonte: (Autoria própria, 2022)



Para fins de sistematização de dados, vale mencionar que cada informante-colaborador do estudo recebeu um código por ordem crescente da idade, o que não corresponde a ordem da coleta dos dados, como nos mostra o quadro abaixo:

Quadro 3: Idade dos colaboradores

Código do informante	Idade
A1	32
A2	39
A3	42
A4	43
A5	49

Fonte: (Autoria própria, 2022)

Conforme se pode visualizar no quadro 3, os colaboradores que aceitaram participar da pesquisa possuem de 32 a 49 anos, sendo que todas dispõem da formação de licenciatura plena em Letras e habilitação em língua inglesa, tendo ainda uma instituição de ensino superior em comum: a Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Cáceres.

Para nortear a nossa busca, dentre as teorias elencadas no decorrer do trabalho, determinamos como base as proposições das autoras Patrícia Rafaela Otoni Ribeiro e Patrícia Fabiane Amaral Cunha (2013), no estudo sobre *Variação, Mudança e não mudança linguística: resignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil*, publicado pela Revista Linguística, em 2013.

As autoras nos ensinam o seguinte:

Os estudos sobre a variação e mudança linguística são orientados e motivados a responder a uma questão central: *como, onde e por que ocorre determinada mudança linguística?* Assim, considera-se que o estudo da mudança leva em conta sua trajetória, cujas fases envolvem variantes linguísticas em coexistência e competição dentro de uma determinada comunidade e a sobrepujança de uma sobre a outra ao longo do tempo. (RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 02 – grifos das autoras)

As autoras, ao apontarem a existência de uma sobrepujança, nos indicam a possibilidade de encontrarmos uma variação, sobreposta a outra variante linguística já existente naquela comunidade, no caso, a sala de aula e o informante que encontra-se inserido no espaço escolar exercendo o seu papel de docente.

A busca pelo resultado final da pesquisa, poderá nos revelar a existência ou não de uma variante nova, assim como o funcionamento de variantes já existentes que se fluíram num determinado tempo dentre toda a sua vivência, até os dias atuais.

## CONCLUSÃO





Notamos na língua a passagem do tempo... Sobre uma língua que supostamente segue a linha tênue da formalidade, podemos dizer que esta não possui uma historicidade fidedigna dos seus antepassados. A renovação linguística é constante, não tão rapidamente, no entanto, existe sempre uma mudança ou revolução em curso. Não significa que toda variação leva a mudança, mas, toda mudança decorre de uma variação.

Estudar o falar cacerense é poder trabalhar com um produto cultural que vem sendo moldado pela contemporaneidade, que depreende de um falar centenário repassado por gerações. Desde os ribeirinhos até os centros urbanos da cidade, encontramos características e marcas desse modo de falar. Dos mais velhos aos mais novos, e até mesmo de pessoas que se sentem familiarizadas e/ou admiradas, se apropriam das características dessa variedade linguística.

Neste trabalho propusemos analisar os usos sociolinguísticos de professores de língua portuguesa, nascidos em Cáceres-MT, atuantes em cinco instituições de ensino básico, contemplando as séries do ensino fundamental II.

Por meio das transcrições, notamos as recorrências das variações fonéticas e morfológicas que estão inseridas no falar desses docentes, participantes do estudo. Ao todo, a maioria das recorrências encontradas estão no nível da variação fonológica, totalizando dezenove ocorrências, enquanto atestamos nove ocorrências no nível morfológico.

Na variação fonológica, encontramos apagamentos de diferentes segmentos sonoros, exemplos: não é>né; cês>vocês; como também no nível síncope, exemplo: tava>estava; no nível de alteamento de vogais, exemplos: qui>que; queto>quieto; grandi>grande; cum>com, no nível de redução de ditongos, exemplo: ota>outra.

Enquanto na variação morfológica, verificamos o uso de flexão de plural apenas em um elemento do sintagma nominal, exemplo: teve dúvidas?>tiveram dúvidas? nós vamo ler> nós vamos ler, no nível de apagamento da vogal final 'u', exemplo: cordel termino?> cordel terminou? E a ausência da concordância entre o verbo e o sujeito, exemplo: a gente vai ver aqui> Nós veremos aqui.

Ao classificarmos nossas informantes por idade, percebemos que a as variações fonéticas e fonológicas ocorreram em sua maioria, com a informante A2, ou seja, a segunda colaboradora mais nova da pesquisa.

Enquanto a colabora A1, mais nova, demonstrou duas aparições nessas classificações. Porém, a professora A1 nos ensina um fator incontestável: por ser a única doutoranda e passar muito tempo na qualificação juntamente em sala de aula, atuando como docente, notamos um apagamento no modo de falar regional dessa entrevistada. Não encontramos o falar cacerense no seu vernáculo, tão pouco variações fonéticas e morfológicas em recorrência. Podemos inferir que um dos motivos seja pelo condicionamento da língua regional, pela norma padrão.

O falar cacerense foi encontrado com menor frequência do que foi esperado por essa pesquisadora. A percepção do som S pelo X representada pelo fonema [ 'ʃiʃ ] do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), foi constatado em 88,8% das palavras encontradas. Sendo a maior parte dessa constatação, proferidas pela informante A5, que detém da maior idade.

As autoras Braga e Mollica nos mostram que:





Existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. Isso pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição, no sentido que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. (BRAGA; MOLLICA, 2020, p. 15)

Através do que as autoras nos ensinam, constatamos que a variação fonética e morfológica das professoras de língua portuguesa nessa pesquisa, aparecem em maior quantidade na segunda professora de menor idade (A2), enquanto a colaboradora de maior idade (A5), demonstrou com maior recorrência a utilização de traços do falar cacerense em sala de aula.

Temos em Braga e Mollica (2020, p. 43) que as pessoas de maior idade, tendem a preservar o jeito de falar mais antigo, no caso, se mostram mais resistentes as inovações linguísticas, sendo que isso pode ocorrer com pessoas das mais variadas classes sociais, profissões e sexo.

Nos estudos dessas mesmas autoras, também nos é relatado que “as mulheres orientam sua conversação de uma forma mais solidária, que busca o envolvimento do interlocutor” (BRAGA; MOLLICA, 2020, p. 35), ou seja, outro fator que se concretiza através desta pesquisa.

Por se tratar de informantes somente do sexo feminino, esse fator extralinguístico permeia sobre a forma como as colaboradoras conduziram suas aulas, contribuindo para o ensino da língua portuguesa, pautadas no diálogo com os alunos e o conteúdo pedagógico programado.

Ao buscarmos respostas para a inquietação correspondente em, como a concordância verbal opera diante da junção entre sotaque e norma culta, constatamos que a linguagem se organiza conforme a comunidade se adequa às suas próprias regras. Ou seja, os alunos das respectivas professoras analisadas na pesquisa, possuem o falar cacerense como língua principal - o que torna o modo de falar dessas professoras familiar.

O reconhecimento do falar cacerense pelos alunos traz conforto ao professor em poder utilizar em seu lugar de fala como educador, uma linguagem com resquícios fraternos, tornando a sala de aula um lugar de extensão da cultura de Cáceres que promove o ensino do português de forma aberta e questionadora quanto à gramática normativa.

Ensinando os alunos de que “não é errado falar assim”, e que este “assim”, simplesmente condiz com a realidade de uma língua viva em pleno funcionamento, que advém de muitos anos de existência e que hoje, no presente, contribui para o aprendizado na língua portuguesa.

Outra situação que surge com frequência na pesquisa diz respeito aos recursos disponíveis para uso em larga escala, como os livros didáticos. No entanto, alguns pesquisadores sugerem que, mesmo com esse material, os professores podem encontrar formas de superar o planejamento linguístico e expandir o português para abranger sua diversidade.

Os autores Faraco e Zilles (2015, p. 301), pontuam sobre a problematização entre escola e variação linguística “O professor no mundo contemporâneo precisa ajudar a desfazer/desconstruir o que foi construído durante séculos – as barreiras linguísticas dentro do próprio país”.

No descompasso entre ensino e variação imposta pelo sistema arcaico, estamos diante de ideias que aos poucos estão sendo inseridas em sala de aula, na qual aprendemos em Faraco e Zilles que:



Cada um fala sua língua e se propõe a entender o outro e a ajuda-lo no acesso a essa língua escrita que, por enquanto, representa um obstáculo intransponível. Há necessidade de flexibilidade e maleabilidade e isso pode ser conseguido de uma forma lúdica [...] de modo de representar um envolvimento pessoal e emocional antes de focalizar o cognitivo. (FARACO; ZILLES, et.al. 2015, p. 301)

Durante as observações e coletas de dados, notamos que a quantidade de crianças que utilizam o falar cacerense é numerosa. O professor ao trabalhar seus conteúdos de maneira empírica a sua língua, demonstra empatia e domínio sob o conteúdo aplicado. Já que este, consegue adequar a sua fala sem deixar o conteúdo perder a seriedade necessária para o momento de ensino.

Por fim, concluímos que as concordâncias verbais e nominais se ajustam ao falar cacerense e vice-versa, de maneira que favoreça o ensino do português em sala de aula. O falar cacerense aponta que a variação linguística é mais uma ferramenta a favor do ensino, nunca contra ele.

Deste modo, encerramos deixando claro que a universidade segue em busca da defesa da variação do professor de língua portuguesa em atuação, e que a norma padrão não deve viver em competição com o modo que a sociedade se sente confortável em falar.

Ambas podem transformar a vida dos seus falantes e são legítimas manifestações de usos linguísticos e socioculturais. É isso que buscamos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Valéria Rios Oliveira; DE SOUZA, Maria da Conceição Ferreira. O tratamento da variação linguística na formação continuada de professores—gestar II. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, 2013.

ASSUNÇÃO, Ana Lúcia de. **Variação linguística, uma realidade de nossa língua**. “Disponível em <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/variacao-linguistica-uma-realidade-nossa-lingua.htm>”. “Acesso em: 14/02/2022”.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: 56ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. Parábola editorial, São Paulo, Brasil, 2001.

BARONAS, Joyce Elaine. Variação linguística na escola: propostas de ação. Signum: **Estudos da Linguagem**, v. 14, n. 2, p. 105-116, 2011.

BISINOTO. Leila S. J. **Atitudes sociolinguísticas**: efeitos do processo migratório. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007. v. 1. 79 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997. “Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>”. “Acesso em: 09/03/2022”.



CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Conflitos entre norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa**. Tese de doutorado. Araraquara, Unesp, 1984.

CAMPELO, Fernanda de Souza Pedroso; MACEDO-KARIM, Jocineide. Mídias faladas locais: um estudo sobre atitudes linguísticas em Cáceres-MT. **A Cor das Letras**, v. 20, n. 1, p. 155-176, 2019.

CAMPELO, Fernanda de Souza Pedroso; CUMPRI, Marcos Luiz. A dinâmica do significado do enunciado pela lente da teoria enunciativa de Culioli. **Traços de Linguagem-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 5, n. 1, 2021.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. A variação linguística no livro didático de PLE e sua percepção pelo professor. **Web Revista Sociodialeto**, v. 7, n. 21 SER. 1, p. 20-51, 2018.

CEZARIO, Maria M; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual da linguística. São Paulo: contexto, 2009.

COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DA SILVA, Júlio Cezar Rodrigues et al. A variação linguística no/do falar cacerense: um estudo do uso dos alofones africados [dʒ] E [tʃ]. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 12, n. 34, p. 1-14, 2021.

DE PINHO, Maria Eliane Vila; MACEDO-KARIM, Jocineide. O uso do rotacismo no falar dos moradores do bairro vila mariana em Cáceres-MT. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 7, n. 2, p. 119-129, 2014.

DEUS, Regiene Arcanjo. Variação Linguística na Sala de Aula. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 8, n. 23 SER. 3, p. 232-244, 2018.

DO CARMO, Beatriz Santana; SILVA, Maria da Guia Taveiro; MOREIRA, Roniela Almeida. A variação linguística no contexto escolar. **Revista Philologus**, v. 25, n. 75 Supl., p. 711-28, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer a norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FRAZÃO, Dilva. Site: E- Biografia. “Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/ferdinand\\_de\\_saussure/#:~:text=Seu%20reconhecimento%20veio%20com%20a,tr%C3%AAs%20anos%20ap%C3%B3s%20sua%20morte](https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/#:~:text=Seu%20reconhecimento%20veio%20com%20a,tr%C3%AAs%20anos%20ap%C3%B3s%20sua%20morte)>”. “Acessado em”: 25/01/2021.

FREITAS, Renata A. Variações Linguísticas e estigmatização da Fala. Algumas considerações para o professor de Língua Materna. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 3, n. 6, 2012.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.



GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, JM de. Leitura e escrita são tarefas da escola e não só do professor de português. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**, v. 9, p. 19-24, 2011.

IBGE. **Mato Grosso, cidades, Cáceres**. “Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/historico>”. “Acesso em: 02/09/2021.

LABOV, William. **Sociolinguistique**. Paris, Éd. De Minuit, 1976, p. 259 (ed. or.: Sociolinguistic Patterns, Philadelphia, University of Pennsylvania, 1972).

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa; VOGLEY, Ana Carla Estellita. O professor, as variações linguísticas e os erros: O que falta para uma Pedagogia sociolinguisticamente sensível? **Revista Lugares de Educação**, v. 2, n. 3, p. 98-110, 2012.

MACEDO-KARIM, J. *et al.* **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT. aspectos linguísticos e culturais = São Lourenço community in Cáceres-MT : linguistic and cultural aspects**. [s. l.]: [s.n.], 2012. “Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=cat09219a&AN=rpc.oai..876582&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>”. “Acesso em: 4 abr. 2022”.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. 2004. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2004. “Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154636>>”. “Acesso em 20/04/2022)

MACEDO-KARIM, Jocineide; KARIM, Taisir Mahmudo. **A vocalização da lateral palatal [ʔ]>[j] no falar da comunidade de Cáceres no alto pantanal de mato grosso**. *Revista Ecos*, v. 17, n. 2, 2014.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados**. 4ª ed. **Revisada e ampliada**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Trad. de J. Morais-Barbosa. Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1964.

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. VIEIRA; Silvia Rodrigues e (orgs). **Ensino de português e sociolinguística**. Editora contexto: São Paulo, 2021.

MENDES, S. C.; MACEDO-KARIM, J. **A VARIAÇÃO REGIONAL NO FALAR DOS JOVENS CACERENSES**. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, [S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 186–197, 2015. DOI: 10.30681/real.v8i1.620. “Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/reacl/article/view/620>”. “Acesso em: 04/04/2022”.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza, (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.



MOREIRA, Julio Cesar Lima. **A diversidade linguística do espanhol e fenômenos de variação linguística: um desafio ao professor de espanhol língua estrangeira (E/LE)**. In: V Congresso nordestino de professores de Espanhol (nov. 2014). I Congresso Internacional do Ensino de Espanhol. Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2015. p. 88-96.

MURAD, Carla Regina Rachid Otavio; SILVA, Ângela Márcia da. **Variação linguística e ensino de língua portuguesa: o professor da educação infantil como promotor do diálogo entre ciência e sala de aula**. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. I SIELP, p. 1-12, 2012.

PEREIRA, Bruno Gomes et al. Como trabalhar variação linguística e gramática em sala de aula: uma reflexão. **Revista Ribanceira**, v. 1, n. 1, p. 107-119, 2013.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 9, número 2, dezembro de 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28 ed. – São Paulo: cultrix, 2012.

SCHMIDT, Cristiane. Língua: Na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 5, p. 360-363, 2015.

SCHMIDT, Cristiane. Os movimentos dos estudos culturais: percursos teóricos e territoriais. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 5, p. 312-317, 2014.

SILVA, Júlio Cezar Rodrigues da, *et. al.* A variação linguística no/do falar cacerense: um estudo do uso dos alofones africados [dʒ] E [tʃ]. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.], v. 12, n. 34, p. 1 - 14, jul. 2021. ISSN 2178-1486. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/376>>. Acesso em: 13 abr. 2022. doi: <https://doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i34.376>.

SILVA, Maria Juliane Gomes; DE FRANÇA, José Marcos Ernesto Santana. O tratamento da variação linguística no livro didático de português no ensino fundamental. **Miguilim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 7, n. 1, p. 79-97, 2018.

SOARES, Vanessa Silva. **Variação linguística no ensino de língua portuguesa: um olhar do professor de séries do fundamental II**. 2019. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2019.

SOBRINHA, Cecília Souza Santos; MESQUITA FILHO, Odilon Pinto. A variação linguística no ensino de língua materna: o que o professor deve fazer na sala de aula? **Anagrama**, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2011. SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, 2006, Vol.1, novembro 2006. 01–10.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. “Disponível em



<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0009-67252005000200021](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0009-67252005000200021)>”.  
“Acessado em 04/03/2022”.

TABARES IDÁRRAGA, Luiz E., CISNEROS ESTUPIÑÁN, Mireya. y AREIZA LONDOÑO, Rafael. ***Sociolingüística. Enfoques pragmático y variacionista***. Bogotá, Colombia: Ecoe Ediciones, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2º ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. Variação linguística, texto e ensino. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 3, n. 3, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].